



DOSSIÊ TEMÁTICO
SEMINÁRIO VIRTUAL PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE O TRABALHO NO TURISMO

**IMPACTOS DA COVID-19 NO TRABALHO DO TURISMO NO
BRASIL: PERSPECTIVAS DOS/AS TRABALHADORES/AS**

Suellen Alice Lamas¹
Clébia Bezerra da Silva²
Edson Domingos Nascimento³

Resumo: A pandemia da Covid-19 afetou drasticamente a atividade turística, que tem nos trabalhadores, apesar da importância, um de seus elos menos assistidos. Com vistas a compreender como esses trabalhadores do turismo foram impactados pela pandemia objetivou-se identificar a situação socioeconômica dos trabalhadores no turismo no Brasil antes e durante a pandemia da Covid-19. Foi feito um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Utilizando-se de um instrumento de pesquisa on-line para a coleta de dados, entre abril e junho de 2020, foram coletados 1008 questionários válidos. A análise foi realizada com base em estatística descritiva e Análise de Conteúdo. Os resultados confirmam o fechamento de empresas, desemprego, diminuição da renda dos trabalhadores, além de outras preocupações impostas pela crise, entre outros impactos.

Palavras-chave: impactos; pandemia; covid-19; trabalhadores; turismo.

1. Introdução

A pandemia da Covid-19, até o início de março de 2020, já havia atingido parte dos dez países de maiores economias do mundo, como Estados Unidos da América (EUA), China, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, França e Itália, que são responsáveis por: a) 60% da oferta e demanda mundial – Produto Interno Bruto (PIB); b) 65% da manufatura mundial e c) 41% das exportações mundiais de manufatura (Baldwin & Mauro, 2020).

¹ Mestre em Ciência Ambiental. Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/RJ. E-mail: suellen.lamas@cefet-rj.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4379-2338>

² Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: clebia@ufrnet.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7715-3003>

³ Mestre em Gestão de Empresas. Professor do Instituto Federal do Piauí. E-mail: edsondn@ifpi.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0848-4372>



Empresas de grande e médio portes, adotaram o trabalho remoto, ou home office, em que seus empregados trabalham em casa. Isto, somado à proibição de viagens a negócios, resultou em redução de produtividade e, em alguns casos, quedas temporárias no emprego e redução das viagens. O fechamento das escolas, em praticamente, todo o mundo também trouxe implicações econômicas e sociais, já que os trabalhadores tiveram que ficar em casa com os filhos, o que atingiu principalmente as mulheres (Baldwin & Mauro, 2020).

No Brasil, essa situação não foi diferente (Chinazzi et al., 2020; World Tourism Organization [UNWTO], 2020). Todas essas mudanças influenciaram direta e negativamente o desenvolvimento da atividade turística. Diante desse contexto, a presente pesquisa objetivou identificar a situação dos trabalhadores do turismo no Brasil antes e durante a pandemia (1ª fase), para posteriormente, em pesquisa subsequente, averiguar a situação deles no pós-pandemia (2ª fase).

Foi realizado um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de um questionário on-line (via plataforma de pesquisa Formulários do Google) com 38 questões que versaram sobre condições de trabalho e renda, e mudanças ocasionadas pela pandemia na vida dos trabalhadores do turismo. O instrumento foi direcionado aos trabalhadores do turismo no Brasil (remunerados e com maioria civil), sendo divulgado em diferentes redes sociais – WhatsApp, Instagram, Facebook, bem como por e-mail e telefone dos trabalhadores; contatos estes, que estavam disponíveis no cadastro oficial de prestadores de serviços turísticos do Ministério do Turismo (Cadastur). Instituições representativas do setor, bem como associações e sindicatos de guias de turismo e artesãos também foram consultados. Ao final de um mês e meio de pesquisa, foram coletados 1069 questionários e validados 1008.

Para complementar a percepção dos trabalhadores para com os impactos da Covid-19 no turismo, um espaço foi destinado no questionário para que eles pudessem comentar sobre o momento de pandemia vivenciado. Dos 1008 trabalhadores, 356 fizeram comentários sobre impactos. Eles foram examinados pela análise léxica da Análise de Conteúdo (Bardin, 2007) a fim de identificar a frequência de palavras que se repetiam e tinham relevância, o que originou uma Nuvem de Palavras (Vasconcellos-Silva & Araújo-Jorge, 2019). Para sua confecção foi utilizado o software Nvivo 12. A primeira ação de divulgação dos resultados dessa pesquisa, foi a realização da palestra “Impactos da Covid-19 no Trabalho do Turismo no Brasil: perspectivas dos/as trabalhadores/as” durante o Seminário Virtual Perspectivas Críticas Sobre o Trabalho no Turismo (2020). A palestra respaldou o presente artigo, logo, tal como aquela, o texto apresenta uma perspectiva mais empírica do tema.

O presente artigo tem como objeto de análise os trabalhadores do turismo, enfatizando, portanto, o olhar desses que constituem um elo importante, mas renegado, do setor produtivo do turismo, nem sempre contemplados nos estudos da área – lacuna teórica (Silveira & Medaglia, 2016), que geralmente estão focados no consumo da atividade, tendo como principal objeto de análise, os turistas. Ademais, esse artigo



apresenta um cenário, visto que aborda a visão de uma parcela de trabalhadores do turismo no Brasil, não sua totalidade, em dado período (recorte temporal).

É importante destacar a condição incomum da realização da pesquisa ao identificar os impactos da pandemia em tempo real, visto que ela está em curso. Tal condição reflete nas dificuldades para obtenção dos dados face o momento delicado vivido tanto em termos de saúde e financeiros; a desconfiança em participar de uma pesquisa em ambiente virtual; a variedade de pesquisas sobre esse tema ocorrendo concomitantemente ainda que com outras abordagens – turistas, mercado etc.

2. Impactos socioeconômicos da pandemia na perspectiva dos trabalhadores do turismo

Antes de adentrar à discussão central do artigo, faz-se necessária primeiramente a compreensão sobre impactos. Assim, de acordo com o dicionário Michaelis (2020), o verbete impacto, entre outras definições, denota o “efeito que, por sua força, impede ou acarreta mudanças”.

Neste sentido, ao se referir aos impactos socioeconômicos da pandemia nos trabalhadores do turismo, estão sendo consideradas todas as alterações que a pandemia da Covid-19 está causando nesses trabalhadores, tanto no aspecto social quanto no econômico. Vale destacar ainda, que embora a tendência ao se falar em impactos seja considerá-los como efeitos negativos, esta não é obrigatoriamente uma verdade, visto que eles também podem ser positivos. O entendimento de impacto, denota, portanto, nesta pesquisa, uma condição de modificação de algo e, para tanto, envolve ao menos duas partes – para que uma tenha efeito sobre a outra.

Antes também de aprofundar na descrição desses impactos, é preciso tipificar os trabalhadores do turismo no Brasil, o que possibilita a caracterização da amostra dos participantes da pesquisa. Para tanto, informações sobre a região de residência, gênero, faixa etária, estado civil, nível de escolaridade e renda, são assinaladas.

De acordo com a amostra desta pesquisa – 1.008 trabalhadores, 70% (ou 713) eram das regiões Nordeste (40% ou 408) e Sudeste (30% ou 305). Nestas regiões, destacaram-se duas capitais: Natal no Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro no estado de mesmo nome como as cidades com maior quantidade de respostas, respectivamente 91 e 98.

As demais regiões brasileiras também tiveram representatividade na quantidade de respondentes com percentual aproximado – 11% (ou 107) na região Norte, 10% (ou 98) na região Centro-Oeste e 9% (ou 90) na região Sul do país. Desta forma, depreende-se que a pesquisa alcançou trabalhadores das 27 unidades federativas, totalizando-se 944 cidades e cinco regiões administrativas do Distrito Federal.

Com relação ao gênero dos trabalhadores, 54,4% (ou 548) eram do gênero feminino; 45,2% (ou 456) do masculino e 0,4% (ou 04) sinalizaram ser de outros gêneros. Ressalta-se desses dados a diferença entre pessoas do gênero feminino e masculino que



foi de 9,2%, o que denota uma realidade, não somente brasileira, de que o setor de turismo é altamente feminizado, como evidenciado nos estudos de Alarcón e Cañada (2018), e Costa, Carvalho e Breda (2011), para citar alguns exemplos.

No que se refere as idades dos trabalhadores do turismo, a pesquisa alcançou respondentes de todas as faixas etárias estabelecidas. Tem-se que 9,9% (ou 99) tinham faixa etária entre 16 e 25 anos; 21,1% (ou 213) entre 26 e 33 anos; 23,3% (ou 235) entre 34 e 41 anos; 18,2% (ou 184) entre 42 e 49 anos; 16% (ou 161) entre 50 e 57 anos; 9,2% (ou 93) entre 58 e 65 anos; e 2,3% (ou 23) acima de 65 anos.

Há duas faixas com maior número de respondentes (44,4% ou 448) que correspondem aos trabalhadores com idades entre 26 e 41 anos. Ao analisar o gênero predominante em cada uma delas, verifica-se que o número de trabalhadores do gênero feminino foi majoritário na faixa dos 26 aos 33 anos – 65,7% (ou 140) dos 213 respondentes. Já na faixa dos 34 aos 41 anos a distribuição foi muito próxima – 49,8% (ou 117) respondentes do gênero masculino e 50,2% (ou 118) do gênero feminino. Por fim, cabe ressaltar que pessoas idosas (acima de 60 anos), tiveram representatividade na pesquisa, o que sinaliza que elas mantêm a vida profissional ativa no setor de turismo.

Os dados aqui apresentados são condizentes com os da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 2017, que sinalizaram, em âmbito global, a intensiva mão de obra feminina e de jovens com menos de 35 anos ao passo que um grupo mais velho de trabalhadores surgia no mercado de trabalho.

Com relação ao estado civil desses trabalhadores, tem-se que: 51,2% (ou 516) estavam casados ou juntos ou em união estável; 37,8% (ou 381) solteiros; 9,7% (ou 98) separados ou divorciados; e 1,3% (ou 13) viúvos.

Quanto à escolaridade, mais da metade dos trabalhadores 56,8% (ou 573) possuíam ensino superior completo e 21% (ou 212) ensino superior incompleto. Com relação à educação básica – 17,4% (175) completaram o ensino médio; 1,9% (ou 19) possuíam ensino médio incompleto; 1,7% (ou 17) tinham ensino fundamental completo e 1,2% (ou 12) ensino fundamental incompleto.

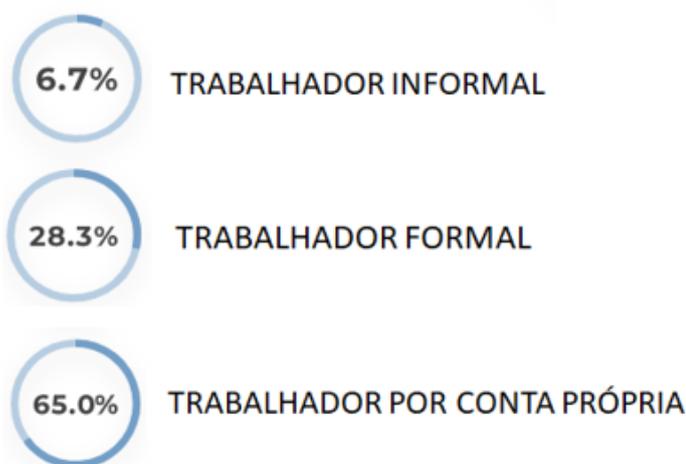
Os dados sobre a escolaridade demonstram uma formação mínima por parte dos trabalhadores do turismo, o que é uma característica do setor. Segundo Silveira & Medaglia (2016), muitas atividades relacionadas ao turismo têm origem em formação técnica, treinamentos, cursos de capacitação e/ou formação superior – bacharelado, tecnólogo ou licenciatura.

No que se refere à renda desses trabalhadores, vê-se que a maioria 44,8% (ou 452) recebia acima de 1 até 3 salários mínimos; 24,3% (ou 245) recebiam acima de 3 até 5 salários; 14,2% (ou 143) recebiam até 1 salário; 9,6% (ou 97) recebiam acima de 5 até 8 salários; 3,4% (ou 34) recebiam acima de 8 até 10 salários; e 3,7% (ou 37) recebiam acima de 11 salários mínimos.

Quanto às relações de trabalho (Figura 1), para fins estatísticos, definiu-se três grupos de trabalhadores: formais, informais e por conta própria. Entendendo-se o trabalhador formal como aquele com carteira assinada ou contrato de trabalho; o

trabalhador informal como aquele que não possui vínculo empregatício; e o trabalhador por conta própria os trabalhadores autônomos, profissionais liberais, microempreendedores individuais (MEI), entre outros.

Figura 1 – Relações de trabalho dos trabalhadores do turismo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Na amostra pesquisada, tem-se que 65% (ou 655) eram trabalhadores por conta própria; 28,3% (ou 285) eram trabalhadores formais; e 6,7% (68) eram trabalhadores informais. Importante pontuar que não foi realizado nenhum controle amostral durante a pesquisa.

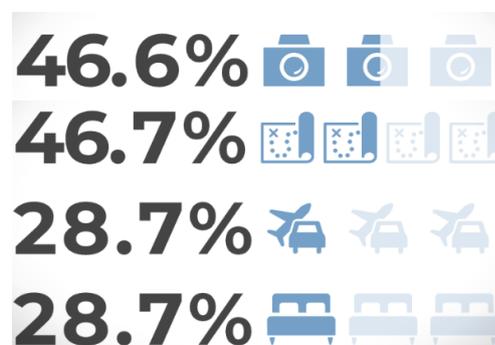
O maior número de profissionais por conta própria revelam que o setor de turismo no Brasil se encontra na mesma situação de outros países que operam em uma “área cinzenta”, economia formal e economia informal, conforme descreve a OIT (2017), o que se dá, em parte, pela natureza sazonal da atividade turística, somada a insuficiência e/ou cumprimento inadequado das regulamentações sobre o trabalho do turismo. Por outro lado, os dados das relações de trabalho da presente pesquisa destoam dos dados dessa organização por não apresentarem um alto grau de informalidade, que é tão característico do setor, segundo ela.

Besighini (2017) alerta para uma leitura crítica da concepção de empreendedorismo não creditando a ela uma conotação de mudança nas condições de precariedade do trabalho no país. Deste modo, cabe refletir, em pesquisas posteriores, se a quantidade elevada de trabalhadores por conta própria, identificado nessa pesquisa, constituem de fato um caminho para a maior formalização do trabalho no turismo ou sua precarização.

Com relação às áreas de atuação (Figura 2), verifica-se que dos trabalhadores que atuavam por conta própria ou no mercado informal do turismo, a grande maioria exercia

a profissão de guia de turismo e/ou vendiam passeios turísticos. Destes, 46,7% (ou 338) responderam atuar como guias de turismo e 46,6% (ou 337) responderam vender passeios turísticos. Vale destacar que tais ocupações estão associadas entre si (guias que também vendem passeios) e a outras ocupações. Atuavam exclusivamente como guias 19,9% (ou 144) desses trabalhadores. Outras ocupações citadas foram: artesãos; treinamento/capacitação/consultoria; vendas (artesanato, roupas e/ou lanches); vendas de serviços (aluguel de equipamentos de lazer, etc.); entre outras.

Figura 2 – Áreas de Atuação dos trabalhadores do turismo.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

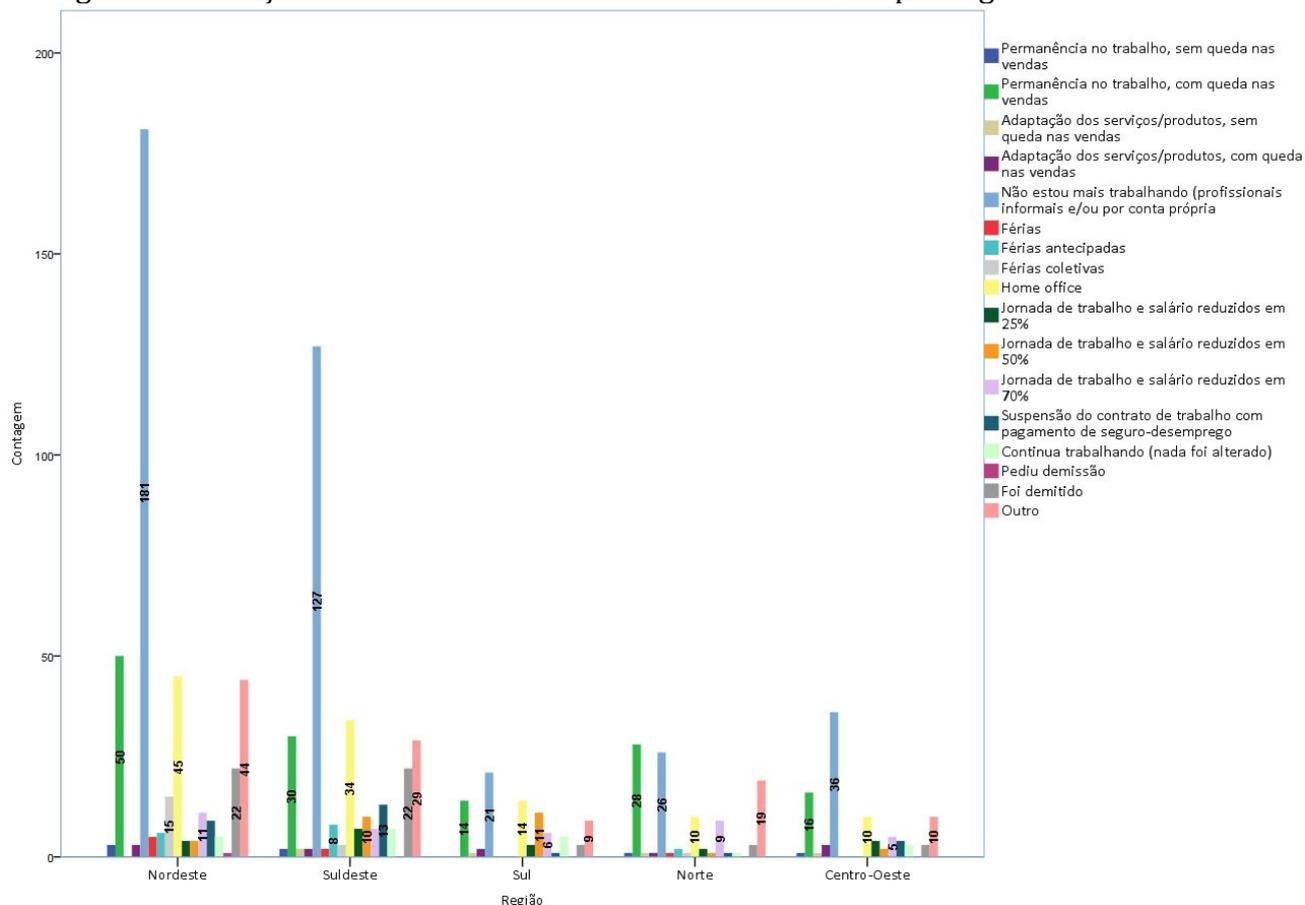
No caso dos trabalhadores com vínculo formal, 28,7% (ou 82) atuavam principalmente no setor de agenciamento e número igual atuavam no setor de hotelaria. Outros setores de atuação citados foram: assessoria/consultoria; educação; eventos; guiamiento; alimentação e transportes.

Ao se fazer a convergência dos dados sobre as relações de trabalho com as áreas de atuação desses trabalhadores, é possível verificar uma mesma categoria profissional com diferentes relações trabalhistas. Assim, há, por exemplo, guias de turismo que responderam ter vínculo formal, outros que atuavam por conta própria e os que estavam na informalidade. Portanto, cabe frisar que as respostas sinalizaram, de fato, as percepções e o entendimento que esses trabalhadores têm de seus trabalhos – independente de termos técnicos utilizados na academia ou citados nas leis trabalhistas. Tendo-se caracterizado o perfil socioeconômico e profissional dos trabalhadores do turismo, passa-se efetivamente à discussão dos impactos da pandemia da Covid-19 por eles percebidos. Um dos questionamentos feitos aos trabalhadores foi em relação as condições de trabalho em que se encontravam com a chegada da pandemia. Para entender melhor a abrangência espacial de tais impactos, os dados foram distribuídos por regiões brasileiras (Figura 3).

Pode-se inferir pela Figura 3 que em quase todas as regiões, com exceção do Norte, os trabalhadores informais ou por conta própria não estavam mais trabalhando – 38,8%

ou 391. Nesta situação, percebe-se um maior impacto na região Nordeste em que 44,4% (ou 181) do total de trabalhadores dessa região, não estavam mais no mercado de trabalho.

Figura 3 – Situação de trabalho dos trabalhadores do turismo por região brasileira.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

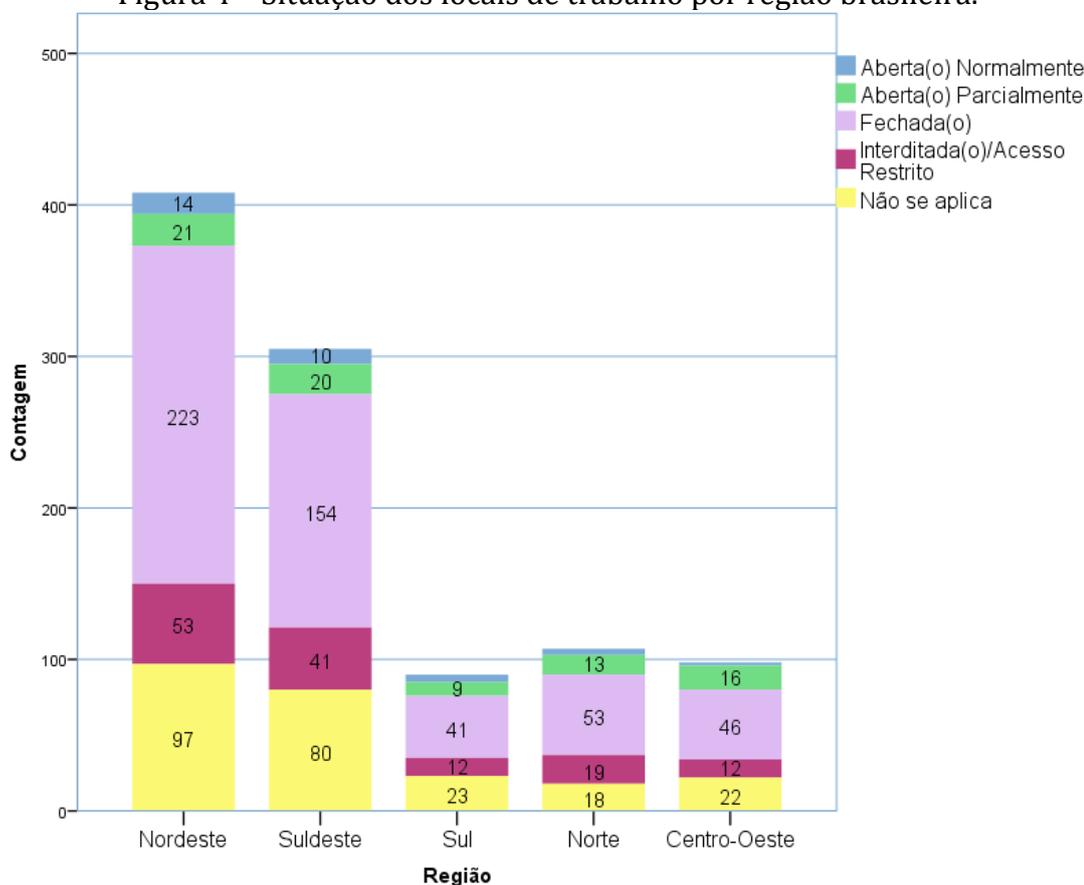
Outras situações que se destacaram em todas as regiões, referem-se, primeiro, aos trabalhadores que permaneceram trabalhando, mas com queda nas vendas – 13,7% ou 138, situação esta, que é a mais expressiva na região Norte – 26,6% ou 28 dos trabalhadores dessa região; e, segundo, aos trabalhadores que continuaram atuando de casa (*home office*) – 11,2% ou 113. Nesta situação Sudeste e Nordeste tem porcentagem de trabalhadores muito aproximada, sendo respectivamente 11,1% (ou 34) e 11% (ou 45) de trabalhadores dessas regiões.

Por fim, os dados corroboram o entendimento de que a proteção das leis trabalhistas é um dos principais benefícios do trabalho formal. Diz-se isso, pois os trabalhadores formais em comparação aos demais, ficaram mais resguardados face a

situação de pandemia, uma vez que tiveram amparo governamental e/ou das próprias empresas onde atuavam, embora se reconheça que tais medidas voltaram-se mais à proteção do mercado do que à mão de obra no turismo.

As situações dos locais de trabalho onde esses trabalhadores atuavam também foram verificadas. Os dados da Figura 4 demonstram tais situações a partir de cada região brasileira. Verifica-se que havia locais fechados em todas as cinco regiões. E quando não estavam fechados, estavam interditados e/ou com acesso restrito.

Figura 4 – Situação dos locais de trabalho por região brasileira.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A região Nordeste foi a que mais apresentou quantidade de locais fechados – do total de 408 trabalhadores, 54,6% (ou 223) disseram que os locais onde trabalhavam não estavam mais em funcionamento. Tal resultado é condizente com os dados anteriores sobre situação de trabalho, visto que se uma quantidade maior de pessoas no Nordeste não estava mais trabalhando, a tendência é que nessa região uma maior quantidade de locais de trabalho não estivesse mais em funcionamento. Em relação aos locais



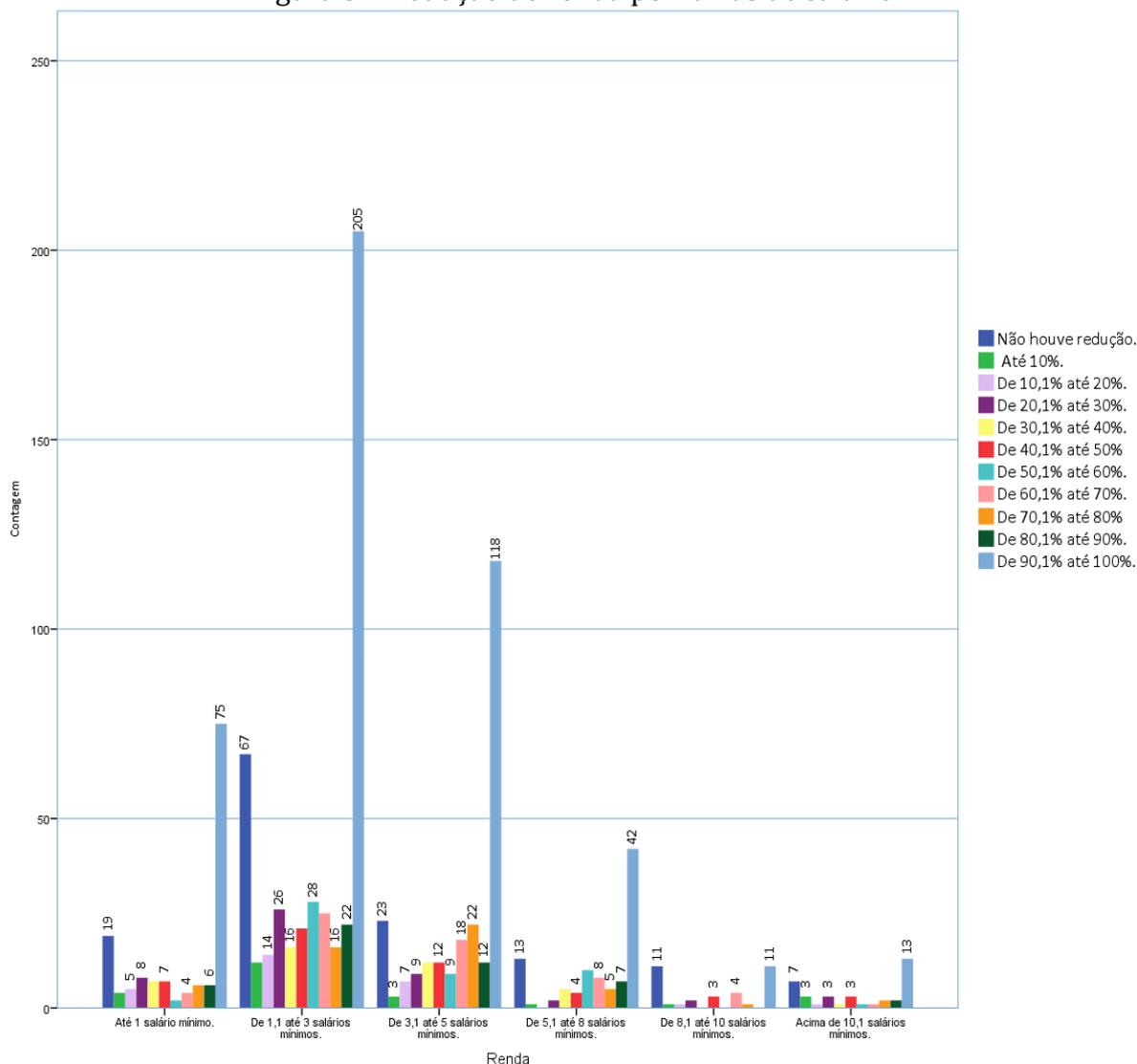
interditados e/ou com acesso restrito, verifica-se que na região Norte essa proporção era maior – dos 107 trabalhadores, 17,7% (ou 19) sinalizaram esta situação.

Dessas regiões, o Centro-Oeste foi a única que não apresentou, em segundo lugar, o número de locais de trabalho interditados e/ou fechados, na verdade, o que sobressaiu depois do número de locais fechados para o público, foram os locais que estavam abertos parcialmente para o público – dos 98 trabalhadores do turismo, 16,3% (ou 16) apontaram tal situação.

Visto a possibilidade dessa crise pandêmica da Covid-19 reverberar para além das questões epidemiológicas, gerando também crises econômicas, os trabalhadores foram questionados sobre os impactos em sua renda e a necessidade de se obter outro trabalho para complementação de renda ou em caso de demissão.

Para se verificar os impactos na renda fez-se uma relação entre a redução de renda por faixa salarial (Figura 5). Observa-se que em todas as faixas salariais a redução acima de 90% da renda desses trabalhadores foi maior, com ênfase na faixa até 1 salário mínimo visto que, dos 143 trabalhadores, mais da metade (52,4% ou 75) tiveram essa grande redução na renda, podendo considerá-los, portanto, como os mais impactados.

Figura 5 – Redução de renda por faixas de salário.



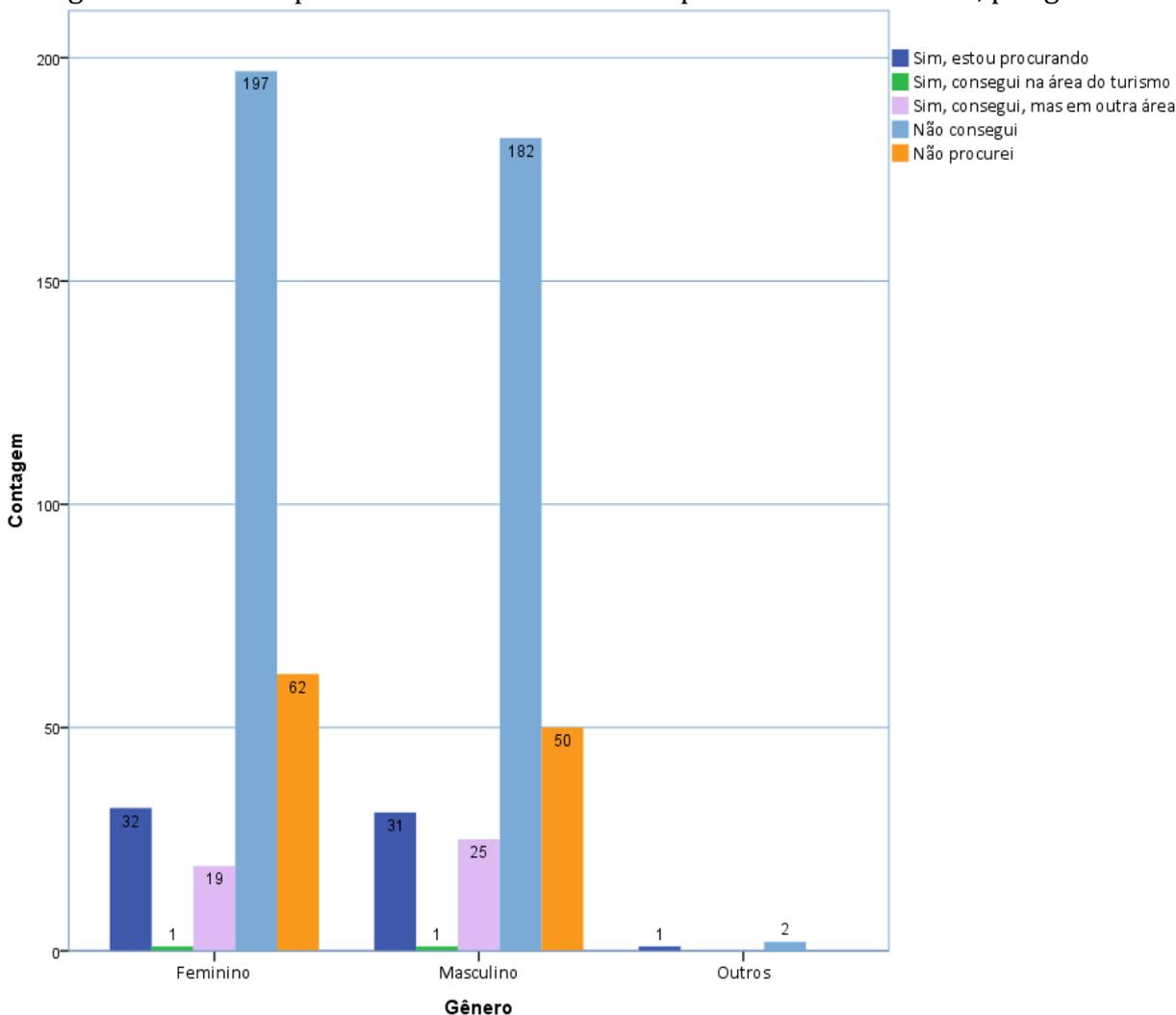
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Outra faixa salarial que sobressaiu foi a acima de 8 até 10 salários mínimos que trouxe dados bem opostos. Dos 34 trabalhadores que recebiam salários nessa faixa, 32,11% (ou 11) ou tiveram redução acima de 90% na renda ou, ao contrário, com mesma porcentagem (32,11%), não tiveram redução nenhuma. Tal variação tão contrastante não foi observada nas demais faixas salariais.

Com relação à necessidade de se obter outro trabalho para complementação de renda ou em caso de demissão, verifica-se na Figura 6 tais situações distribuídas por gênero. Percebe-se que uma quantidade proporcional de pessoas do gênero feminino e

masculino não conseguiram um outro trabalho a saber: 63,3% (ou 197) das 311 pessoas do gênero feminino e 63% (ou 182) do gênero masculino.

Figura 6 – Procura por outro trabalho durante a pandemia da Covid-19, por gênero.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Outro dado em destaque apurado da Figura 6 refere-se à quantidade de pessoas que não procuraram por trabalho – 19,9% (ou 62) do gênero feminino e 17,3% (ou 50) do gênero masculino.

As 46 pessoas que conseguiram um novo trabalho – 20 do gênero feminino e 26 do gênero masculino, foram questionadas sobre as condições desses trabalhos. Importante assinalar que desse total, duas conseguiram se manter na área de turismo, enquanto 44 foram para outras áreas.



comentários são apresentados na forma original em que foram escritos, sem correções ou formatações de texto.

Inicia-se com um comentário que elucida um impacto que pode ser considerado como positivo da pandemia na visão de uma trabalhadora. Segundo ela:

Olá, na minha situação houve mudança pra melhor, pois trabalho de home office, enquanto outras agências fecharam, permaneci atendendo normalmente, uma vez que as vendas aumentaram por conta da baixa concorrência (Isabela, Q. 997).

Fala esta, que caracteriza uma exceção nesse universo de comentários que, em suma, apresentaram impactos negativos da Covid-19 no turismo.

Um dos trabalhadores demonstrou a percepção que tem a respeito do receio de turistas no retorno às atividades de turismo. Segundo ele:

Trabalho com romarias no caso turismo Religioso e a maioria dos meu clientes são idosos, com isso acredito que irá levar um tempo até que volte tudo ao normal e até mesmo quando voltar alguns de meus clientes ainda estarão com receio de viajar devido o grande impacto que o Covid-19 causou (Antônio, Q. 75).

O momento parece ser de incertezas e isto foi refletido no comentário de uma trabalhadora. Para ela:

Minha dificuldade está em decidir se pego empréstimo ou não, pois está tudo muito incerto sobre o futuro do turismo" (Lúcia, Q. 126).

Mesmo sem fomentar discussões políticas, foi inevitável não perpassar por elas. De acordo com um dos trabalhadores:

Na verdade falta apoio para nós do setor turísticos, então, nada está sendo feito. Estamos completamente desamparados pelo governo (André, Q. 1023).

Para uma trabalhadora o momento é de reinvenção e preparação. Segundo ela:

É o momento de reinventar para melhor oferecer seus produtos/serviços quando essa fase terminar ou minimizar (Bárbara, Q. 138).

Por fim, como um desejo para o pós-pandemia um dos trabalhadores descreveu:

Que a transformação venha pós crise e que nosso turismo e país possa viver uma atividade mais sustentável e que se una cada vez mais" (Flávio, Q. 461).

Vê-se, de modo geral, o não consenso nos comentários, o que se justifica pelo fato de que cada trabalhador está vivenciando de modo bem diferente o contexto da pandemia no país. Foram abordadas situações bem delicadas de dificuldades financeiras; perda do



trabalho; outros comentários com projeções de cenários para o turismo, como a tendência de atividades a curtas distâncias; trabalhadores otimistas e outros bem pessimistas com relação ao futuro e à recuperação do turismo, entre tantos outros relatos.

3. Considerações finais

Conforme apresentado inicialmente, o presente artigo é resultado de uma pesquisa abrangente sobre impactos da Covid-19 nos trabalhadores do turismo no Brasil dividida em duas fases. Nesta primeira fase, foi possível identificar os impactos dessa crise – que é sanitária, mas também social e econômica –, nos trabalhadores do turismo no momento que vivenciam a pandemia (objeto de estudo em ação), o que representou um desafio aos pesquisadores.

Tem-se, como percepções gerais dos impactos investigados, que o desemprego de fato, assolou o setor e que os trabalhadores consideram o turismo como altamente impactado pela pandemia – o primeiro a encerrar e o último a retornar com suas atividades.

Se considerarmos os dados de Sakowski (2015), de que a região Nordeste é uma das mais dependentes da atividade turística em número de empregos e estabelecimentos no país, e recordarmos que, nesta pesquisa, essa região foi a que mais apresentou locais de trabalho fechados e trabalhadores que não estavam mais trabalhando, pode-se inferir que foi a região com mais impactos no mercado de trabalho no turismo.

Ressalta-se o recorte temporal e a amostragem de dados dessa pesquisa. Por ter sido realizada em período definido (abril e junho de 2020), a pesquisa retrata uma fotografia de uma situação vivenciada em determinado momento, o que pode sinalizar que o mesmo questionário aplicado em período posterior, poderá trazer respostas diferentes. Do mesmo modo, é preciso atentar para o fato de que a pesquisa traz uma amostragem dos trabalhadores do turismo no Brasil, mas não representa sua totalidade, o que não compromete, todavia, a representatividade da pesquisa, que teve alcance nacional – todos os estados e regiões brasileiras.

A divulgação dos dados, ilustrados pelas figuras ao longo do texto, permite que outras relações possam ser feitas para além das aqui realizadas. De fato, o objetivo dos pesquisadores é difundir amplamente tais informações para que novas abordagens possam ser efetuadas a partir da disponibilização desses dados.

Referências

- Alarcón, D. M & Cañada, E. (2018). *Gender dimensions in tourism work*. Barcelona: Alba Sud Editorial, Contrast Reports, n4.
- Besighini, R. (2017). Empreendedorismo e precarização da força de trabalho: um estudo sobre microempreendedores em São Gonçalo-RJ. *Anais do Seminário Nacional de*



- Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais, Santa Catarina*. Recuperado de https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/180024/101_00316.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- Baldwin, R., & Mauro, B. W. di. (2020). Introduction. In R. Baldwin & B. W. di Mauro (Eds.), *Economics in the time of Covid-19* (pp. 1–30). Centre for Economic Policy Research (CEPR).
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo* (3rd ed.). Edições 70.
- Chinazzi, M., Davis, J. T., Ajelli, M., Gioannini, C., Litvinova, M., Merler, S., . Vespignani, A. (2020). The effect of travel restrictions on the spread of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak. *Science*, 368, 395-400.
- Costa, Carlos M. M.; Carvalho, Inês C. R. & Breda, Zélia. (2011). Igualdade de Género e Responsabilidade Social das Empresas de Turismo [Gender Equality and Social Responsibility of Tourism Companies]. In M A N Costa, M J Santos, F M Seabra & F Jorge (Ed.), *Responsabilidade Social: Uma Visão IberoAmericana [Social Responsibility: An Ibero-American Vision]*, 0 - 1. Editora Almedina.
- Impacto. (2020). In *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Recuperado de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/impacto/>
- World Tourism Organization. (2020). *Impact assessment of the Covid-19 outbreak on international tourism*. Recuperado de <https://www.unwto.org/impact-assessment-of-the-covid-19-outbreak-on-international-tourism>.
- Organización Internacional do Trabalho - Departamento de Políticas Sectoriales. (2017). *Pautas de la OIT sobre trabajo decente y turismo socialmente responsable: Oficina Internacional del Trabajo*. Autor.
- Sakowski, P. A. M. (2015). *Mensurando o emprego no setor de turismo no Brasil: do nível nacional ao regional e local*. Ipea.
- Silveira, C. E. & Medaglia, J. (2016). Relações entre gênero e mercado de trabalho de turismólogos em Minas Gerais. *Caderno Virtual de Turismo*, 16(1), 109-125, abr.
- Vasconcellos-Silva, P., & Araujo-Jorge, T. (2019). Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. *Anais do Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, Lisboa, 8. Recuperado de <https://sepeq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/53636490710/20>.

IMPACTS OF COVID-19 ON TOURISM WORK IN BRAZIL: WORKERS' PERSPECTIVES

Abstract

The Covid-19 pandemic has dramatically affected the tourist activity, which has in workers, despite the importance, one of its leats assisted links. In order to understand how these tourism workers were impacted by the pandemic, the objective this research was to identify the



socioeconomic situation of tourism workers in Brazil before and during the Covid-19 pandemic. An exploratory and descriptive study was carried out with a qualitative approach. Using an online research instrument for data collection, between April and June 2020, 1008 valid questionnaires were collected. The analysis was based on descriptive statistics and Content Analysis. The results confirm the closure of companies, unemployment, decreased income of workers, and other concerns imposed by the crisis, among other impacts.

Keywords: impacts; pandemic; covid-19; workers; tourism.